

# Espécies em extinção

» ALMIR PAZZIANOTTO PINTO

Advogado. Foi ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho

Operário é profissão em processo de extinção. A frase, ouvida com frequência, não traduz a verdade. Ser operário não é profissão. A expressão genérica se refere ao trabalhador de fábrica, que exerce ocupação manual ou mecânica.

Assistimos, nas últimas décadas, ao desaparecimento de ofícios e profissões. A do carroceiro, por exemplo, substituído pelo motorista de caminhão. A do datilógrafo e do linotipista, dando lugar ao digitador. O cortador de cana, conhecido como boia-fria, cuja atividade passou a ser exercida pela máquina colheitadeira. O motociclista terceirizado, substituto do contínuo e do office-boy. Em vias de extinção se encontram os operadores de tornos mecânicos, de prensas, de fresas, de máquinas de soldar, de equipamentos industriais de pintura.

“A classe trabalhadora moderna é produto da máquina”, escreveu Jürgen Kuczynski. “É o resultado do desenvolvimento da energia produtora. É a criação da máquina, mais exatamente, da ferramenta mecânica. Sem máquinas não haveria classe trabalhadora” (*Evolução da Classe Trabalhadora*, Edições Guadarrama, Madri, 1967, pág.51).

A máquina não pariu apenas a classe trabalhadora. Do mesmo ventre, surgiram a primeira Revolução Industrial, a empresa, o capitalismo, o movimento operário, as organizações sindicais, a luta de classes apregoada pelo *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, publicado em Londres no ano de 1848.

A primeira Revolução Industrial, deflagrada na Inglaterra em 1760, chegou ao Brasil após a abolição do trabalho escravo em 13/5/1888, com mais de um século de atraso. Imigrantes italianos, espanhóis, portugueses, desembarcados, em Santos, no final do século 19 e princípio do século 20, trouxeram a mão de obra necessária ao trabalho industrial. Conquanto a economia permanecesse dependente da produção de café, cana-de-açúcar, algodão, surgiam em São Paulo fiações, tecelagens, fundições, oficinas mecânicas.

A Segunda Revolução Industrial brasileira resultou da implantação da indústria automotiva, na década de 1950. Trabalhar com

Carteira Profissional anotada era a aspiração do jovem que deixava a zona rural para melhorar de vida. Do Norte e do Nordeste, centenas de milhares de famílias afluíram a São Paulo à procura de vaga na indústria, no comércio, na construção civil, em restaurantes, no transporte de passageiros ou de cargas.

Durante mais de uma geração, o Brasil se beneficiou da economia voltada ao mercado interno. Intercalou, todavia, períodos positivos com anos de estagnação. Simultaneamente, a população crescia em velocidade acelerada. Em 1817, o primeiro censo acusou a existência de 10 milhões de habitantes, número que saltou para 17,4 milhões em 1900; 93 milhões em 1970; 166,7 milhões em 2000 e, hoje, está ao redor de 210 milhões.

Prejudicado pela falta de continuidade, o desenvolvimento econômico se revelou incapaz de acompanhar a evolução demográfica. Fome, pobreza, desemprego, falta de habitações e a falência dos sistemas de ensino e saúde agravaram a pauta dos problemas brasileiros.

O fenômeno da globalização, que marca o final do século passado, não é produto de maligna conspiração chinesa. Resultou do avanço da tecnologia da informação, responsável pelo desaparecimento de dois fa-

tores isolacionistas: espaço e tempo. A internet converteu o planeta em aldeia global. O remoto Oriente tornou-se nosso vizinho. Japão, Coreia do Sul e, sobretudo, a China, nos invadem com produtos competitivos pela qualidade e preço. Compram soja, proteína animal e minério de ferro, mas recebem em dobro nos vendendo produtos industrializados com alto valor agregado.

A incapacidade de entender a globalização como fenômeno geopolítico, com repercussões no mercado de trabalho mundial, se reflete na existência no Brasil de 14,3 milhões de desempregados e de 6 milhões de desalentados.

Superada a pandemia, a recuperação da economia e a retomada do crescimento serão lentos e exigirão medidas de combate ao desemprego. Não vejo como evitar nova reforma trabalhista, destinada a aliviar custos e implantar segurança ao contrato formal de trabalho, afetado pelo princípio do contrato realidade. Sob todos os aspectos, o tema é sensível. Exige, porém, nas atuais circunstâncias, profunda análise por economistas, políticos, magistrados e acadêmicos da esfera do direito do trabalho. Desemprego não é ficção, mas a segunda maior tragédia do século 21.



G O M E Z

## Um passo definitivo rumo à inovação

» JOSÉ LUIS GORDON

Doutor em economia pelo IE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

e diretor de Planejamento e Relações Institucionais da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii)

Diante da crise gerada pela pandemia, o Brasil tem um grande desafio frente a, como estratégia de futuro do país, o primeiro passo é observar as lições que ela nos trouxe até agora. A indústria da saúde, por exemplo, fundamental para a sociedade, com o desenvolvimento de fármacos, biofármacos, máquinas, equipamentos e vacinas demonstrou que há um importante caminho a ser percorrido e que passa por um alto grau de investimento tecnológico para este segmento.

Como vimos desde o início da crise, há mais de um ano, o Brasil ainda tem forte dependência de mercados externos para adquirir materiais e produtos do setor de saúde — desde os mais simples, como equipamento de proteção individual (EPIs), até os mais complexos, como respiradores. Essa vulnerabilidade de acesso a bens também se observa em outros setores de nossa estrutura produtiva. Para fortalecer a cadeia nacional, o caminho do desenvolvimento tecnológico é o motor desse processo. As empresas precisam se adaptar rapidamente às mudanças que vieram com a pandemia em relação aos seus produtos e procedimentos, apostando em novas tecnologias, como Inteligência Artificial (IA), Manufatura 4.0 e Internet das Coisas (IoT) e novos materiais. No caso do Brasil, a bioeconomia é uma das áreas de destaque e que temos grande potencial.

Neste caminho, a inovação pode representar um salto em direção à almejada recuperação econômica, por isso, a necessidade de o país investir no fortalecimento do setor

produtivo, na economia digital e nas chamadas tecnologias verdes. Com políticas públicas, é possível estimular o setor produtivo a inovar mais e de forma mais sustentável gerando resultados significativos.

Além disso, será preciso um conjunto coordenado de instrumentos modernos e ágeis, que envolve desde de recursos não reembolsáveis para diminuir risco e curso de projetos de pesquisa e desenvolvimento, até estímulos fiscais para investimentos sustentáveis, mecanismos de financiamento inovadores (como os green bonds), além de compras públicas para o setor de saúde, direcionadas para o desenvolvimento tecnológico.

Está claro que a inovação é essencial tanto no aspecto social quanto econômico e, para isso, é imprescindível o fomento para que projetos tecnológicos se tornem realidade e atendam as demandas industriais, principalmente com o envolvimento das empresas e da parceria com universidades, centros de pesquisa e institutos Senai de inovação, ou seja, um mundo mais interativo e cooperativo.

A relação entre governo, setor produtivo e centros de pesquisa tem se mostrado essencial durante a pandemia. A maior prova recente disso é o desenvolvimento da vacina AstraZeneca, que envolveu a Universidade Oxford, o grupo farmacêutico AstraZeneca e o governo, um dos grandes financiadores do projeto.

Aqui no Brasil, a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii) ajuda o setor industrial a ser mais inovador atuando nesta direção, com aporte de re-

ursos não reembolsáveis, coinvestimento com o setor produtivo em pesquisa, desenvolvimento e inovação, diminuindo riscos e custo para as empresas. Além disso, a organização trouxe um modelo de fomento ágil e flexível, que uniu indústrias e centros de pesquisa em projetos inovadores para o combate à covid no país.

Nesse enfrentamento, mobilizamos nossa rede de 61 unidades, formada pelos principais centros de pesquisa do país, para firmarmos importantes parcerias com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Sebrae, por exemplo. Como resultado, foram investidos pela instituição valores que superaram a marca de R\$ 40 milhões em mais de 60 projetos de P&DI para a realização de projetos com foco no diagnóstico, tratamento e prevenção da covid-19. Em um ano, foram desenvolvidos desde respiradores, sanitizantes, EPIs, até testes clínicos e aparelhos de monitoramento.

O cenário pós-covid-19 demanda desde já uma sociedade extremamente inovadora. O país precisa ter uma cadeia produtiva capaz de suprir localmente suas necessidades, com menor dependência da importação de componentes. Para isso, é preciso investir na formação de um complexo industrial de saúde e, em outros setores, que garanta desenvolvimento e tecnologia dentro de casa. Agora, é o momento de unir esforços e dar um passo definitivo rumo à inovação.

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.df@dabr.com.br](mailto:circecunha.df@dabr.com.br)

## Tenham momentos felizes todos os dias

Infelizmente, essa é a recomendação dada por nove em cada 10 psiquiatras, psicólogos e outros profissionais que cuidam da saúde mental. Não apenas no Brasil, mas no resto do mundo. A receita inusitada vem a propósito do aumento exponencial nos casos de depressão, demência, psicose e outros problemas mentais e que, segundo creem os médicos, advêm do enorme estresse a que estão submetidas populações inteiras por causa da pandemia e dos efeitos que a doença pode provocar no sistema nervoso central dos indivíduos.

Para muitos profissionais de saúde, a massiva quantidade de notícias, quase todas elas carregadas de informações negativas sobre o desenrolar da doença e das consequências futuras que as sociedades terão que enfrentar, tanto nas áreas de saúde pública quanto na economia e em diversos outros aspectos da vida cotidiana. Isso vem provocando um aumento considerável do estresse, semelhante ao que vivenciam os indivíduos numa guerra.

Ocorre que, em momentos de grandes catástrofes, as pessoas naturalmente buscam se informar, o máximo possível, sobre os últimos acontecimentos, até como meio de encontrar alguma resposta ou solução para tudo que está acontecendo. Essa parece ser uma atitude natural para a maioria dos seres humanos, principalmente para aqueles que moram em cidades grandes e onde a vida interativa é mais desenvolvida.

No Brasil, onde a situação da pandemia parece ter saído do controle, essa recomendação médica pode ser vista sob ângulos diferentes. Se, por um lado, a questão da pandemia parece ter se tornado a pauta única de boa parte da imprensa, que explora nossas precariedades e o pouco empenho de nossas autoridades frente a um problema de urgência, de vida e de morte, por outro, algumas outras mídias usam a doença, unicamente, como subterfúgio para fins políticos, explorando o tema com viés partidário.

Alguns outros meios de comunicação, mais alinhados com o governo, apresentam o problema recheado de estatísticas numéricas positivas, indicando que a pandemia está com os dias contados para acabar. A mídia internacional, por sua vez, não poupa o Brasil de críticas de toda a ordem, mostrando uma realidade cruenta, que poucos brasileiros conhecem de perto, nem ao menos as autoridades. O fato é que ao manter uma atenção até exagerada no que dizem os informes diários, muitos cidadãos, mesmo ao fazerem um balanço ponderado entre o que é fake e o que é fato, ficam com a impressão de que vivemos os últimos dias sobre a Terra.

Também é verdade que o distanciamento das notícias pode, a curto prazo, servir para uma espécie de alheamento ilusório, em que a realidade deixa de estar presente e cede lugar a um devaneio artificial.

De toda a forma, cabe à imprensa séria, e acredite, ela ainda existe no Brasil, informar o desenrolar de toda a pandemia como ela realmente está se processando neste país de desigualdades continentais. Obviamente, nesse espaço, cabe também um lugar de destaque às iniciativas e ao árduo trabalho que vêm empreendendo os cientistas brasileiros, tanto do Butantan quanto da Fiocruz, na pesquisa e produção de nossas vacinas, bem como o trabalho diuturno das equipes médicas e de todo o pessoal da saúde, principalmente daqueles que lidam com o problema na ponta, onde tudo acontece ou deixa de acontecer.

### »» A frase que foi pronunciada

“Tropeçamos nas pedras pequenas, porque as grandes nós vemos sem dificuldades.”

Provérbio chinês

### Cabelos

» Problema que a população de Brasília não imagina que aconteça nessa cidade trata do descarte de produtos químicos para cabelo. Com a quantidade de salões, se não houver consciência no momento do descarte, o perigo é grande. Faltam esclarecimentos e soluções para os profissionais que querem fazer a coisa certa.

### Unidos pelo mal

» Como um rolo compressor, os partidos de esquerda pelo mundo trocam informações e espalham notícias falsas sobre o Brasil, plantando na mente dos espectadores uma imagem grotesca e carregada de ideologia. Um exemplo é a matéria publicada no jornal alemão, com sede em Bonn, General Anzeiger. Veja as fotos no *Blog do Ari Cunha*.

### Transmissão

» No próximo dia 9, o comandante do Exército, general Edson Leal Pujol, passará o cargo de chefe do Departamento de Ciência para o general Guido Amin Naves. Deixa o cargo o general Décio Luís Schons. A transmissão não terá convidados.

### Sem sensacionalismo

» Recebemos uma ligação de Buritirama, na Bahia, contando que não há pavor na cidade, nem cemitérios cheios de covas preparadas para os novos falecidos. O anúncio é de 603 casos confirmados e 556 curados. Vejam as estatísticas no *Blog do Ari Cunha*. As cadeiras continuam nas calçadas no frescor do fim de tarde, crianças alegres brincando e os jogos de dominó na praça.

### »» História de Brasília

Os termos da nota são mantidos em toda a sua extensão. E continuamos a lamentar que procurem criar dificuldades para a transferência da capital. (Publicado em 30/1/1962)